

## FORMAÇÃO CONTINUADA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: o ensino médio e as vivências para além das séries iniciais

*Markley Florentino CARVALHO<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente texto aborda o tema da contação de história para os anos do Ensino Médio. Comumente, a leitura literária por fruição se restringe aos anos iniciais e, conforme o aluno avança para a segunda fase do ensino fundamental, a literatura passa a significar o cumprimento das exigências institucionais. Apesar das dificuldades de criar e manter o interesse em atividades literárias para os educandos dessas fases escolares, e também para si como professores, preocupa mais ainda, a lacuna que consta na vida escolar referente ao letramento literário direcionado aos adolescentes e jovens do Ensino Médio. Propomos, assim, reflexões sobre a importância do professor no processo de letramento literário na inter-relação entre a literatura e a oralidade, pelo viés da contação de história para o jovem secundarista. Por fim, a produção de pesquisas e formações continuadas que propiciem em conjunto, a inclusão de novos saberes, práticas e linguagens que se fazem necessários como dinâmicas que contribuam para a formação de leitores literários.

<sup>1</sup>

Mestre em Letras do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGL/FACALE-UFGD). Membro do

**Palavras-chave:** Contação de Histórias. Formação de professores. Ensino Médio.

**HISTORY STORY CONTINUING  
EDUCATION:** secondary  
education and experiences in  
addition to the series start

**Abstract:** The present text addresses the theme of storytelling for the high school years. Usually, literary reading by fruition is restricted to the initial grades and, as the student progresses to the second stage of elementary school, literature becomes the fulfillment of institutional requirements. In spite of the difficulties of creating and maintaining interest in literary activities for the pupils of these school stages, and also for them as teachers, it is even more worrisome, the gap that appears in school life regarding the literary literacy directed to adolescents and young people of High School. We propose, therefore, a dynamic of reflections on the importance of the teacher in the process of literary literacy in the interrelationship between literature and orality, through the bias of storytelling for the young high school student. Finally, the production of research and continuous training that together provide the inclusion of new knowledge, practices and languages that are necessary as dynamics that contribute to the formation of literary readers.

**Keywords:** Storytelling. Teacher training. High school.

## 1 Introdução

Este artigo é decorrente de uma formação continuada desenvolvida e apresentada no *Encontro PROLER – Ler o mundo*. O minicurso *Contação de história para além das séries iniciais: movimentando sonhos e vida*<sup>2</sup>, foi oferecido a uma turma composta de professores que fazem parte da rede de ensino público e particular de Dourados-MS, e também, aos graduandos, principalmente dos cursos de Pedagogia e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD.

A proposta objetivava chamar a atenção para a prática da contação de história como didática de ensino da leitura literária. A nosso ver, é preciso pensar em alternativas para que o mediador consiga suprir as lacunas do ensino de Literatura, que segue a sua história na escola, com poucas possibilidades de vivência por parte dos educandos que cursam os anos do Ensino Médio.

É dentro de um contexto, que o adolescente em questão, o jovem da escola pública cursa o ensino médio, muitas vezes à noite, por conta do seu trabalho, cansado da rotina que pesa sobre os sonhos que possa vislumbrar melhoras na vida

social, profissional e como indivíduo integral na sociedade. Pois ultimamente, por conta de falta de conhecimentos acadêmicos, sem qualificação por vezes, acaba por ficar de fora do sistema de profissionalização e da realidade globalizada.

Mediante este cenário escolar, cabe a pergunta: qual tipo de educação e conteúdo permitirá desenvolver neste adolescente sua autonomia e sua cidadania ativa e uma educação que vá além das expectativas de mercado, dos conteúdos fragmentados e do uso restrito ao livro didático?

A Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional 9.394/1996 (LDB, 9.394/96), determina e permite, mais especificamente, distinguir os parâmetros adotados no Ensino Médio, na tentativa de empreender a construção de grau médio. Assim, em prosseguimento ao Ensino Fundamental, e, destinado à formação do adolescente, o Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Média e Tecnológica, organizou um projeto de reforma no Ensino Médio, priorizando na educação a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1999), chamados de *PCNs*. Eles surgem com o desafio de propor conteúdos educativos que priorizem a capacidade de pesquisar, de aprender e a de criar,

<sup>2</sup> PROLER UFGD Dourados.

diferentemente dos métodos e exercícios de apenas memorização:

Como expressão do tempo contemporâneo, a estética da sensibilidade vem substituir a da repetição e padronização, hegemônica na era das revoluções industriais. Ela estimula a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, a afetividade, para facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto, o imprevisível e o diferente (BRASIL, 1999, p. 62).

Neste contexto, o desafio da escola é oferecer elementos para que outras informações e letramentos de mundo possam ser acessados, questionados, proporcionando aos estudantes ferramentas para reflexões e criticidade. É princípio da escola preparar o jovem do Ensino Médio para além do vestibular e do mundo de mercado, para que ele próprio consiga visualizar o seu entorno e ao mesmo tempo a realidade globalizada, nas especificidades de cada realidade.

Desta forma, qual é o papel do professor? E da literatura além dos fragmentos e como ferramenta de letramento de mundo? O papel é de mediar, incentivar e dar a mão nas dificuldades do jovem educando. Essa mediação precisa ser sistemática, porque as adversidades enfrentadas pela literatura na escola são históricas na educação.

### *1.1 A importância do professor para a formação de leitores literários*

Ao enfocarmos a importância do professor para a formação de leitores literários, não desejamos atribuir somente a ele a responsabilidade por despertar nos educandos o prazer à leitura literária. Sabemos que essa é uma questão, no Brasil, comprometida pela desigualdade social, pelo preço dos livros, etc. Consequentemente, a maioria dos alunos de escolas públicas terão os primeiros contatos com livros, à princípio somente com a sua chegada na escola, o que torna significativo o papel desse mediador.

Da mesma forma que constatamos essa realidade, percebemos nos cursos de formação continuada, experiência que nos acompanha há seis anos, o pouco contato do próprio professor com o livro. Raramente, o professor de Língua Portuguesa e de Literatura lembra-se do último livro literário que leu na íntegra. Essa constatação surge quando iniciamos o curso de formação continuada e indagamos, no intuito de conhecer o público com quem iríamos dialogar, o que é Literatura para eles, como selecionam o texto literário a ser discutido, quais as práticas que acontecem em suas aulas de Literatura, qual o último livro que leram ou que estão lendo.

A maioria escolhe a partir da orientação do livro didático, e ainda chega a abordar a literatura produzida em seu estado ou cidade, e muitas vezes não dialoga com a Academia de Letras de seu município. Acerca do que leem

raramente algum professor aponta uma leitura literária, no entanto, em sua maioria, quando estão lendo, indicam as leituras de livros somente classificados como autoajuda.

Outro aspecto que impressiona, refere-se à dissociação entre o processo de formação na sua graduação e a sua prática docente em sala de aula. Notifica-se esta situação, quando reproduzimos uma aula que envolve literatura pelas mesmas práticas de antigamente. É comum as escolas oferecerem textos distantes da realidade do educando, para os quais, ele precisa repetir tarefas chatas e de simples memorização de fragmentos textuais, sem estímulo ao imaginário do mundo literário.

Abordamos em nossos cursos de formação continuada a importância de utilizar o conhecimento da teoria literária para ensinar a ler literatura, apontamos, também, a necessidade de instigar o educando a perceber os elementos que marcam os gêneros literários e como esses elementos se relacionam no texto. O educando, primeiramente, precisa ganhar intimidade com o texto literário e não somente estudá-la, mas, vivenciá-la, adentrar na sua linguagem e atribuir sentidos ao texto e ampliar o seu letramento de mundo.

Todos os aspectos citados acima estavam presentes em nossa proposta, embora o enfoque, desta vez, estivesse na oralidade, por

meio da vivência imaginativa da prática pedagógica da contação de histórias.

### *1.2 Contação de histórias: o professor entre a oralidade e a literatura*

Nesse papel do professor, como o mediador na formação de leitores literários, continuamos indagando sobre as suas vivências no mundo da literatura. As memórias de leitura dos professores caminham por dois caminhos: a literatura oral e a escrita, estes caminhos se entrelaçam pela convergência das rodas de histórias do professor, quando ele foi criança no seio de sua família ou nas noites de rodas de conversa na vizinhança, as quais são cenas recordadas, através de seus discursos.

Neste caminho entre a tradição oral e a literatura escrita pulsa a definição de Antonio Candido (2004, p. 174) que determina: “não há povo e não há homem que possa viver sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação [...]”. E durante a formação, antes de apresentar os recursos da literatura impressa, os professores rememoram a tradição da oralidade.

E quando passamos a discutir os recursos para a prática da contação de histórias, emergem discursos de dificuldades e incertezas, como origem da pouca divulgação da contação de histórias

nas fases escolares dos adolescentes e jovens. Esta discussão revela que a formação de leitura se torna comprometida, entre outros fatores, pela forma de acesso ao material impresso de leitura disponível.

O ensino de literatura é realizado a partir de fragmentos literários enxertados nos livros didáticos durante o uso letivo, como revelado pelo discurso dos próprios professores: não causa motivação a eles e nem aos seus alunos. A obra literária é apresentada aos alunos num contexto de fragmentos soltos, por consequência falta o conhecimento do texto no todo, também falta a compreensão da obra em sua totalidade e, por fim, causa a falta de interação do mundo do texto com o mundo do leitor, culminando na desmotivação literária.

### *1.3 Ensino Médio: o recurso da oralidade na sala de aula*

O recurso da literatura oral difundida pela prática da contação de histórias é uma proposta tanto para as crianças, quanto para os jovens e adultos, como rica fonte de histórias, tradição oral, experiências compartilhadas e narrativas vivenciadas. A prática pedagógica da contação de histórias, certamente, contribui para a formação de leitura e de cidadania dos sujeitos escolares e sociais. Pois, como bem propõe a autora Tayassu (2012, p. 46):

A mitologia humana é uma estranha enciclopédia sobre o acervo das histórias – suas vozes e seus silêncios – seus gestos e suas palavras – seus casos e seus escritos – revelados por tantos espelhos, quanto os reflexos e miragens recriados e reinventados em nomes das criaturas, dos totens, das figuras mitológicas, das personagens, das linguagens, das histórias, dos sons, das canções e dos símbolos, tais como é simbólica e representativa a História e, nela, as suas muitas versões sobre os feitos e esquecimentos, heróis e excluídos [...].

As histórias orais contadas a partir de acontecimentos reais ou da imaginação vão sendo repassadas através dos séculos, formando mosaicos de histórias, contos e recontos que, por meio da narração, atravessam continentes, fronteiras, os hábitos e os costumes dos seres humanos, tanto na condição de narradores, como na condição de ouvintes a movimentar sonhos e vidas. Narrar e ouvir histórias, além de tudo, impulsiona as janelas da imaginação e abre novas portas para a formação de leitores, entre elas, as janelas e as portas contidas em livros repletos de boas histórias.

Como aborda Teixeira (2012, p. 92), “um dos principais gêneros da literatura é a narrativa. O ato de contar histórias é uma das primeiras atividades lúdicas do homem, [...] até chegar aos romances e contos modernos”.

Neste contexto, a prática de contar histórias passou a ser difundida de distintas maneiras, em diferentes suportes, e tem alcançado a sua expansão

cotidianamente. Interessa observar que, em meio a essas transformações, a presença da roda de histórias; caracterizada pelo narrador/ouvintes no ato da contação, traz a mágica da singularidade da contação de histórias, esse momento ímpar, no qual acontece a magia no ato de narrar, mediante as expressões, os gestos, as entonações da voz do narrador, a expressão facial e o retorno do público através dos ouvintes.

É preciso, ainda, que o professor não seja obrigado a trabalhar com a leitura, ele precisa acreditar na importância desse trabalho, na função humanizadora da Literatura. Como afirma Bordini (1988, p. 13), para que a leitura e a contação de história de obra literária ocorra, é preciso, dentre outros elementos citados pela autora, que exista o “professor leitor com boa fundamentação teórica e metodológica”, pois é ele quem vai pesquisar a grande quantidade de obras oferecidas pelos mercados editoriais.

Há uma urgência de sistematização do trabalho pedagógico para a narração da literatura em sala de aula, que vai desde o cuidado com a pesquisa do acervo até a performance da contação de histórias.

Dentro desse comprometimento pedagógico com o Ensino Médio, a educação tecnológica básica, destaca, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394

(BRASIL, 1996) que é nesta fase escolar, que o jovem precisa passar a vivenciar os significados das “ciências, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania”.

Nesse interim, entre os processos históricos e a instrumentalização de experiências de cidadanias, os jovens percorrem por situações e fenômenos da globalização, da sua realidade local e de sua formação escolar. E como ele pode acompanhar esse trajeto, senão por meio da apropriação do poder das palavras e da conscientização dos códigos do mundo letrado em sua volta, que o ajude nas percepções dos significados disso tudo que faz parte do mundo que nos cerca?

#### *1.4 A pesquisa em acervo: os contos populares no Brasil*

As práticas pedagógicas da contação de histórias contam com o apoio da pesquisa em acervos literários letrados e populares, com o apoio da proposta de produções de textos e fundamentalmente do empenho das narrativas docentes.

Esse trabalho pedagógico se estrutura na pesquisa e no ensino da leitura literária, por meio das atividades das narrativas orais. E isso em razão de uma proposta que visa a um espaço para constituir

saberes e práticas capazes de produzir conhecimentos e questões pertinentes ao ensino da literatura.

Além disso, um professor que parte de um perfil pesquisador, pode experienciar a pesquisa da própria prática, a partir de uma adesão espontânea, de suas necessidades individuais de formação literária e de seus desejos pela transformação de suas próprias práticas, quanto ao recurso da oralidade e da literatura.

Nesse sentido, nós como professores, precisamos buscar a produção de conhecimentos, de forma a redimensionar nossas práticas e contribuir para a construção de uma sala de aula que envolva o Ensino Médio no mundo da literatura com qualidade para todos.

Ousar nos colocar na contracorrente desse processo, organizando pesquisas, nos inserindo na literatura e constituindo-nos como professores pesquisadores. Assim, levando-se em conta muitos projetos atuais, não nos esquecemos das fontes orais, que podemos pesquisar assiduamente em torno de uma metodologia desenvolvida em torno de um conjunto de conteúdo que pode reencontrar as manifestações culturais brasileiras e subsidiar

*1.5 Pesquisa e reconstrução dos contos populares sul-mato-grossenses*

O que se aprende quando - e enquanto - se conta histórias na

muitos projetos, como recurso para a oralidade em sala de aula.

No cenário brasileiro, no início da década de 1920 e ao longo da década 1930, pesquisadores, como, Luís Câmara Cascudo e Mário de Andrade realizaram uma importante coleta e investigação das histórias do folclore, enquanto fonte para o registro das manifestações culturais do país, a fim de se construir uma memória literária nacional.

Do material recolhido, Câmara Cascudo produziu importantes obras, que retomam as versões dos contos tradicionais orais, tais como: *Dicionário do Folclore Brasileiro*, como referência nacional; *Contos Tradicionais do Brasil*, e, ainda *A Antologia do Folclore Brasileiro*, tendo como tema a evocação de episódios da vida, da saga do ermo, das cantorias, das danças, das lutas contra onças, ‘dos olhos dos bichos que brilhavam’, entre outros. Estas obras apontam para a importância e a força da sobrevivência da narrativa oral, na recuperação e apropriação dos contos que fazem parte do acervo da nossa literatura.

sala de aula? A opção por uma pedagogia de projetos tem permitido espaço para um aprendizado não fragmentado, que se concretiza, por meio de um

processo criativo de pesquisa, ensino e narração de histórias literárias e contos populares, no qual o lúdico adquire um caráter especial.

Uma situação de contação de histórias pode estar presente em diferentes ações pedagógicas, porque é na atividade lúdica que se concebe e se produz, por exemplo, um novo conto da história narrada, uma música, um poema. Portanto, as narrativas docentes fazem parte de um processo criativo tanto para crianças, quanto para jovens e para o próprio professor inserido no mundo literário.

No percurso da oralidade à escrita, contamos histórias que fazem referência aos variados sentimentos humanos (como a alegria, o tormento, o sonho e o pesadelo). Partimos daí, dessas intenções e desejos, revelados à humanidade por meio das suas histórias construídas e reconstruídas por narrativas que caminham pelos tempos.

Dessa forma recebemos, em nossos corações e mentes, o mito e a lenda que são as narrativas orais que serviram de base para o conto popular. Este gênero, por sua vez, desenvolveu-se de formas variadas em diversas sociedades, línguas e épocas. Por intermédio da narrativa, as histórias dos contos populares reconstroem o cotidiano, o mágico, o drama, o ficcional e o não ficcional ('realidade').

Conforme fomos criando histórias de vidas, reconstruímos nossas origens, de onde viemos, os percursos e as vivências. O mote da nossa própria história sul-matogrossense permite, por exemplo, que façamos pesquisas sobre os hábitos, sobre os objetos símbolos, pessoas e costumes, de forma a ampliar a pesquisa e reconstruir histórias.



Os percursos da oralidade à escrita das histórias sul-mato-grossenses fazem referência, também ao exercício do professor pesquisador e contador de histórias. Na reconstrução dos contos populares ele estimula os jovens a ler e ouvir, a partir de uma pesquisa com imagens e sons recortados sobre o tema da sua vida e da sua comunidade.

Nas aulas, o faz de conta aparece como repertório para situações lúdicas que trazem à tona um mundo de pesquisa, manifestações culturais e literatura.

### *1.6 A contação de história na contemporaneidade*

No contexto contemporâneo, a prática de narrar um conto passou por modificações. A contação de histórias, na maioria das vezes, hoje, propõe uma articulação da oralidade com o texto escrito. Assim, ao ser experienciado, o ato de narrar é construído a partir de uma ponte entre o lúdico e o ato da leitura.

Contudo, esta não é a única forma viável de se realizar uma contação. Existem outras formas de suportes para a produção e a leitura da narrativa.

A volúpia de narrar ou ouvir uma história pode estar presente na narrativa de um texto, na contação de uma história com o texto não verbal, além de outras possibilidades que incluem a brincadeira com as palavras. Ou

ainda, como veremos, essa prática pode ser realizada com o apoio auxiliar de multimídias.

Neste ponto, entretanto, é preciso deixar em evidência o fato de o lúdico trazer as sensações da leitura (o susto, o humor, a ideia, um jeito de compreender a história, etc.), enfim, o que deve estar em primeiro plano é o prazer de ler e aprender com o mundo da narrativa.

### *1.7 Necessidade de recontar: novos ouvintes/leitores*

Você se lembra de alguma contação de história que tenha ouvido na infância ou na vida adulta? Relembrar estas histórias implica no ato de recontá-las nos variados espaços sociais (seja no ambiente familiar, entre amigos, ou, ainda, no espaço escolar). Trata-se de um processo que implica na recuperação da oralidade.

As oficinas de contação de histórias em sala de aula são fortes aliadas para que tenhamos a possibilidade de recuperar, preservar e divulgar a nossa história, por meio dos contos provenientes da literatura oral, como também, da literatura escrita.

Na atualidade, o “novo-ouvinte/novo-leitor” vivencia as histórias no momento do conto na aula de leitura em sala e, quando instigado pela narrativa, passa a ter interesse em protagonizar e produzir novos contos, por meio do

reconto das narrativas ouvidas, ou ainda, de outras histórias. Há uma necessidade de se adaptar a essas novas exigências deste leitor contemporâneo. Uma possibilidade é lançar mãos dos suportes digitais que, por sua vez, são ferramentas importantes para o armazenamento de histórias.

Os professores, no papel de mediadores, ao lado dos seus alunos, têm a possibilidade de fazer um trabalho de registro de narrativas. A atividade de reconto pode ser realizada por meio de postagens de histórias em áudio, em imagens de vídeo, em textos literários digitais, entre outras formas de tecnologias. São práticas, que ao serem aliadas aos suportes comuns ao cotidiano do homem contemporâneo, mostram-se capazes de revelar o quanto ainda narramos nos dias de hoje, principalmente, a partir de técnicas difundidas no letramento digital.

Há uma necessidade de conferir à prática narrativa, enquanto meio de recuperar e divulgar a literatura, a sua importância no espaço escolar e, principalmente, conferir aos alunos o seu devido valor, enquanto “criadores em potencial” de histórias. É a partir desta iniciativa, que iremos adquirir, assim, além da educação formal, a valorização daquilo que é de pertença ao homem: a sua capacidade de imaginação. Escutar uma história é o início da formação de um leitor, uma vez que o aluno

pode suscitar o imaginário na hora do reconto das histórias narradas.

### *1.8 O uso da tecnologia no processo de contação de histórias*

A contação de histórias, seja no modo presencial ou virtual, é um caminho para estimular a leitura e um recurso que potencializa a divulgação da literatura. A expectativa da inserção das histórias nos meios tecnológicos é despertar o interesse dos novos-ouvintes/novos-leitores.

Assim, na tentativa de fazer um resgate das narrativas, existem projetos que tomam como objetivo propostas de recontos, que consiste na reconstrução em áudios e imagens de registros das lendas urbanas coletadas na oralidade local, tomando-se como ferramenta a internet. Esta atividade contribui para a construção de novos saberes e habilidades de vivências da leitura em vários suportes.

Apesar dessas novas possibilidades de resgate da narrativa, ocasionadas pelo apoio tecnológico, ainda assim, devemos ter por certo que a literatura oral também desempenha notável importância em nosso contexto social (a opção por ouvir, pela interpretação, pela imaginação e pela busca às memórias, são exemplos vivos dessa necessidade de resgate da cultura da oralidade). Assim, acreditamos que é por meio do hábito de contar e recontar histórias, que a escola pode se revelar o ambiente propício para se redescobrir o espaço que deveria ser ocupado pela literatura oral.

Como sabemos, a escassez de tempo destinado ao contato familiar ou à roda de conversas, faz com que a narrativa passe por transformações inerentes às condições das facilidades tecnológicas, das necessidades de imaginação e das expressões humanas.

Os homens contemporâneos também são responsáveis por desenvolver composições de fabulação, que são as novas formas de expressões folclóricas. Sendo a lenda urbana, um exemplo disso, ela é um conto popular, que toma como referência o regional ou o local do criador e do leitor.

## 2 Metodologia: vivências de contações de histórias

Como vivência de contação de histórias, durante a formação articulamos uma roda de histórias de leitura, na qual os professores apresentaram e discutiram as suas vivências de narração, os questionamentos sobre as escolhas do acervo de histórias, as técnicas e habilidades de performance durante a narração, entre outros questionamentos, com vistas a refletir quanto ao lugar da literatura oral especificamente nestas fases escolares.

Esse exercício proporcionou um contexto que fortalece a ideia de que uma abordagem sistemática e pedagógica da literatura oral em sala de aula favorece o desenvolvimento de práticas e saberes, que proporcionam caminhos para a abordagem do texto literário de maneira integrada entre a oralidade, a leitura e a escrita.

Para compreender a necessidade de inserção do professor-contador de histórias em sala de aula, seguimos apresentando a vivência da

narração de um conto, no qual o protagonista também é um contador de histórias. Ilustramos, assim, a vivência de uma narração que foi realizada no segundo momento da oficina, na qual fizemos discussões mais aprofundadas a respeito das maneiras de ler, também, dos papéis e funções do professor-contador de histórias e do ouvinte-aluno, das formas do texto literário e da performance do corpo.

As características apreciadas durante a mediação de uma história entre o narrador e os ouvintes puderam ser destacadas no momento de descontração proporcionado pela nossa narração do conto: “O olho de Alexandre”, do autor Graciliano Ramos, durante a oficina acima mencionada. Na história, o Alexandre narra a experiência de como o seu olho ficou torto a um grupo de ouvintes, as personagens Firmino, Libório, Cesária e a afilhada Das Dores. A história se completa na autoridade deste narrador, que traz, com a sua narrativa, o realismo maravilhoso para movimentar os sonhos e as vidas de seus ouvintes. Foi com este movimento da ludicidade presente na narração deste conto que buscamos envolver os ouvintes presentes na oficina.

Em outras palavras, pode-se dizer que o professor-contador de histórias precisa narrar se envolvendo com a história. Este narrador contemporâneo “olha o texto para fora e para dentro do texto, a exemplo do que acontece

com o olho do Alexandre” (COSTA; CARVALHO, 2013, p. 2).

É por essa razão que tratamos a questão da narração na contemporaneidade como um desafio que alia histórias, práticas, culturas e saberes. O contador de histórias inserido na escola toma, portanto, o papel de um mediador da tradição oral e o mundo da literatura escrita.

Observamos que este trabalho foi movido, sobretudo, a partir da reflexão acerca da oralidade da literatura, pelo viés da prática da contação de histórias na escola, percebida como uma prática pouco utilizada e divulgada na cultura escolar, principalmente nos anos do curso do Ensino Médio.

Muitas vezes, por seus próprios limites e as dificuldades do meio, o professor desconsidera a prática da contação de histórias, como um modo de leitura no incentivo à formação de leitores, e respectivamente como fonte de noções para o conhecimento da tradição oral. Segundo Almeida (2012, p.39-40), “há muitos limites a serem superados”, os quais ficam evidenciados na formação do professor, a qual se apresenta voltada para a cultura da escrita e da leitura e permeada por lacunas em experiências de oralidade, dramatização, canto e brincadeiras pedagógicas no seu currículo.

### 3 Resultados e discussões

Observamos que este trabalho foi movido, sobretudo, a

partir da reflexão acerca da literatura oral, pelo viés da prática da contação de histórias na escola, percebida como uma ação pouco utilizada e divulgada, principalmente nos anos do Ensino Médio. Muitas vezes, o docente não a considera como um modo de leitura no incentivo à formação de leitores, e respectivamente como fonte de conhecimento da tradição oral.

Além da pouca divulgação da contação de histórias nas fases escolares dos adolescentes e jovens, outro fator discutido revela que a formação de leitura se torna comprometida pela forma do material de leitura disponível. O ensino de literatura é realizado a partir de fragmentos literários enxertados nos livros didáticos durante o uso letivo, que, pelo discurso dos próprios professores presentes na oficina, não causa motivação a eles e nem aos seus alunos. A obra literária é apresentada aos alunos num contexto de fragmentos soltos, falta o conhecimento do texto no todo, também falta a compreensão da obra em sua totalidade e, por fim, causa a falta de interação do mundo do texto com o mundo do leitor, culminando na desmotivação literária.

Outra prática questionada pelos participantes, mas específica da performance de narrar, seria voltada para a questão de contar histórias com o livro ou não? Ler é diferente de contar histórias. À indagação, respondemos que

narrar com o livro é uma maneira de ler, que também não pode perder seus encantos, posturas e performances do leitor. A leitura, portanto, pode ter seus encantamentos e ludicidades que o texto literário proporciona ao seu público. O que precisa ser enfatizado é que a prática de contação de histórias em sala de aula trata da oralidade dos textos literários com o fim da formação de leitura, assim, trazemos à tona, muitas vezes, a oralidade coletada e registrada em nossa cultura letrada.

Precisamos seguir um planejamento da contação de histórias, a partir disso, vão surgindo situações de leitura, e com elas, como propõe Zumthor (1997, p. 203), consolidam-se “as performances dos gestos e da voz”, a cada texto literário escolhido. Pois, cada história narrada convida o professor a se encontrar, gradualmente, como o protagonista Alexandre de Graciliano Ramos, como um protagonista da sua própria história, com todos os medos, sabores, riscos e danos que essa descoberta possa lhe trazer em sua vida como um professor-contador de histórias.

No terceiro e último momento de nossa oficina, convidamos os professores para a “roda de histórias”, na qual, após alguns exercícios de expressão corporal, voz, leitura e marcação de texto, chegou o momento do reconto por eles. A ideia foi oferecer um encontro único com a literatura e a

oralidade. Uma forma de interação com o poder da palavra em relação com o mundo literário e que nos capacita a criar e a vivenciar a partilha de histórias dos contadores de histórias, dos ouvintes e de nós mesmos.

Em seguida, partilhamos em grupo como foi, para eles, a experiência de fazer uma contação de histórias. Entre as respostas diversas, colhemos a devolutiva do grupo, que trouxe, em seu depoimento, a apreensão da descoberta “da troca do papel de professor” para “mediador”, pois enquanto narravam, sentiram que o contador de histórias movimentava e compartilha a história viva, o professor, no ato de narrar, se descobre aprendendo nesta ação. Como afirma Machado (2004, p. 14), “ele vai descobrindo devagar o que um contador de histórias precisa saber, que recursos internos e externos têm que buscar, como reconhecer bons contos”.

Na trilha entre teoria, práticas e saberes há várias maneiras de concretizar os modos de leitura e a contação de histórias na escola. Estas práticas passam pela criatividade, pelo conhecimento do acervo literário a ser explorado e pelo vínculo criado com o mundo do seu educando-ouvinte, porque, como afirma Cosson (2011, p. 291):

Há, ainda, que se respeitar as preferências de leitura, sem deixar de desafiar o gosto estabelecido, compreendendo que o aluno está processo de formação e precisa ampliar as suas referências culturais.

Esses e outros procedimentos, no entanto, precisam ser ordenados e articulados em todo coerente.

Ponderamos que a contação de histórias como prática do letramento literário atrela a formação de leitores e a ampliação das referências culturais dos sujeitos escolares, professores e educandos, e tem a pertinência da Arte na Educação. Nesse sentido, é necessário que seja divulgada e (re)ensinada a oralidade na escola, tal como as práticas e saberes que fazem parte da educação literária.

Os professores problematizaram, em seus discursos, as dificuldades de criar e manter o interesse em atividades literárias para os educandos dessas fases escolares, e também para si como educadores, pois há um hiato, no qual o currículo escolar se preocupa mais com o letramento escolar do que com o letramento literário. O ambiente escolar, ao contrário, deveria proporcionar mais possibilidades de interação com a Literatura oral e a escrita, na medida em que elas fazem parte de nós, ouvintes, leitores e indivíduos sociais.

Neste contexto, discutimos três questões no que tange à atuação da literatura oral na sala de aula para o Ensino Médio: a necessidade de difundir a literatura e a sua importância no espaço escolar, inserindo o jovem como cocriador das atividades práticas, desde a pesquisa até a narração. Dessa forma

potencializar a criação de contos e recontos pelos próprios alunos.

Para isso, o aluno deve vivenciar processos de incentivo à novas descobertas e estímulos ao imaginário. Contudo, primeiramente, precisará ter intimidade com a história a ser pesquisada e narrada, no sentido não só de narrar, mas de vivenciá-la, atribuir sentidos às histórias e continuamente, assim, ampliar seu conhecimento de mundo.

Em segundo lugar, no debate da educação literária, novos saberes e novas práticas pedagógicas se fazem urgentes. Entre as contribuições da educação escolar, está a de possibilitar o acesso aos bens culturais à comunidade, inclusive à comunidade jovem estudantil, suas linguagens e meios de interações. Nessa relação, a escola pode oportunizar para o leitor em potencial as ferramentas audiovisuais e digitais. A leitura contemporânea exhibe meios de adaptação à educação tecnológica, que vão desde formas diferentes de narrar histórias em suporte digitais e armazenar até a disponibilização online e interativa de histórias narradas.

E em terceiro, o movimento de formações continuadas do professor no percurso da docência pode promover, valorizar e legitimar, dentro do planejamento estratégico, as reflexões e práticas acerca da oralidade e da literatura na escola. O professor protagoniza o papel de divulgar na cultura

escolar, principalmente no Ensino Médio, a prática de contar histórias, sobretudo, propor a construção diária de saberes e dinâmicas para a complexa formação de leitura, conhecimento e valorização da tradição oral em sala de aula e o desenvolvimento integral do letramento literário dos jovens alunos.

Dentre as especificidades concretizadas neste trabalho de formação continuada, os relatos trouxeram uma breve amostragem do que geralmente se vivencia no ensino da Literatura, nas bancadas escolares. Seguem em nossas conclusões algumas reflexões, que não são respostas prontas, mas apenas mediações para pensar esse processo da leitura e a contação de histórias na escola.

#### 4 Considerações finais

A organização desse relato de formação continuada teve como elemento norteador as filiações teórico-metodológicas das investigações presentes nas linhas formação de professores e questões contemporâneas da literatura em sala de aula.

Acreditamos na relevância da pesquisa aqui apresentada, ao buscar algumas representações da escola, como forma amostragem de um universo da educação literária, no que tange a relação professores, Ensino Médio e literatura oral em sala de aula, já que esse assunto mostra-se ainda, pouco discutido nos meios acadêmicos.

Encerramos este relato com a mesma proposição com a qual finalizamos a oficina de contação de histórias. Lembramos que só ensinamos o que sabemos, porque com os crianças e adolescentes a política do “faça o que eu digo, não o que eu faço” não emplaca. A variedade de habilidades de leitura deve ser constituída cotidianamente na vida professoral e diferenciadamente a diversos tipos de materiais de leitura e de tradição oral, impressos, audiovisuais, histórias de vida, literatura oral, entre outros.

A importância do professor para a formação de leitores literários trata entre outros aspectos, da sua contribuição para a inclusão e permanência do aluno ao mundo do letramento literário, como continuação dos processos educativos dirigidos à juventude secundarista, no formato dialógico entre a literatura e a oralidade em sala de aula.

Por se tratar de inter-relações no campo da Educação, requer-se a continuação de novos estudos que promovam contribuições com o intuito de ajudar a estabelecer a conscientização da necessidade de propostas de pesquisas em acervos histórico-culturais das inúmeras tradições brasileiras e seus contos populares.

Entre os novos saberes, novas práticas e linguagens, se fazem necessários caminhos para pesquisas que fomentem a inclusão da tecnologia no processo



pedagógico e novas formas de leitura, de ouvir e de contar histórias. De modo, a garantir a permanência do conhecimento de práticas de letramentos escolares acerca da literatura da tradição letrada e da tradição oral às juventudes do Ensino Médio.

Embora a literatura possa, como aponta Antonio Candido, contribuir para refletir sobre a vida e o mundo, oferecendo mecanismos para compreender nossas subjetividades, nossas alteridades, a questão da sexualidade, da morte e da ética, para citar apenas alguns pontos, o ato de ler é um processo trabalhoso que exige, como salienta Ricardo Azevedo, “esforço, treino, capacitação e acumulação” (*apud* SOUZA, 2004, p. 23).

O que fazer diante dos olhares que, talvez, não compreendem a prática da contação de histórias em salas de aula, principalmente para a fase escola dos adolescentes e jovens do Ensino Médio ou até que não acreditam nessa prática?

Acreditar na sua prática e continuar com o seu trabalho pedagógico, com suas pesquisas e busca por formação continuada na área das práticas em salas de aula. A resposta não pode ser dada de outra forma, senão continuar e buscar os resultados obtidos e percebidos com as vivências dos jovens alunos que precisam passar por experiências de narrativas, de produção criativa de textos literários, de momentos de leituras, dramatizações e

contações de histórias. Portanto, essa prática observa o ponto de vista das mudanças nas aulas, como as outras formas de trabalhar a leitura literária com os alunos do Ensino Médio.

## REFERÊNCIAS

- BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- Brasil. *Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional 9.394/1996 (LDB, 9.394/96)*. Brasília: MEC, 1996.
- CANDIDO, Antonio. O Direito à *Literatura*. In.: \_\_\_\_\_. Vários estudos. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Outro sobre Azul, 2004.
- CASCUDO, Luís Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Global editora, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Contos tradicionais do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Global editora, 2003.

\_\_\_\_\_. *A antologia do folclore brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Global editora, 2001.

COSSON, Rildo. A prática do letramento literário na sala de aula. In.: GONÇALVES, Odair; PINHEIRO, Alexandra Santos. *Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente*. Campinas: Mercado de Letras. Dourados: UFGD. 2011.

COSTA, Ana Karoliny; CARVALHO, Markley Florentino. *Oficina contação de histórias: a narrativa na oralidade e nos suportes digital*. Dourados: PROLER-Comitê Dourados, 2013.

MACHADO, Regina Stela Barcelos. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. Difusão cultural: São Paulo: 2004.

SOUZA, Renata Junqueira (org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

TAYASSU, Catitu. *Práticas ancestrais, práticas orais: ouvir, cantar, contar, ler, narrar, perpetuar*. Londrina: EDUEL, Dourados: UFGD, 2012.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. HUCITEC: São Paulo, 1997.

Recebido em: 7 de junho de 2016  
Revisões requeridas: 20 de janeiro de 2017  
Aceito em: 6 de abril de 2017